5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um período brevíssimo de tempo, 1998 a 2003, o primeiro elo da cadeia produtiva de citros passou por profundas transformações. A prática tradicional de produção de mudas a que realizava-se a céu aberto, dá lugar a uma nova racionalidade técnica de produção, os viveiros telados. Esta técnica de produzir está levando a uma ampla reestruturação no setor viveirista. Reorganizou o espaço do fazer inicialmente em virtude da necessidade de se conter a disseminação por meio de mudas da Clorose Variegada dos Citros (CVC) e de outras doenças e pragas como Cancro Cítrico e nematoides de solo. A preocupação com a sanidade das mudas, sempre presente nos ideais científicos, passa a fazer parte de um grupo de produtores que tinham nesta atividade uma segura fonte de renda.

As maiores empresas do setor citrícola, que tinham seus próprios viveiros e/ou adquiriam, por contrato, mudas produzidas por viveiros mais recomendáveis passaram a investir em seus empreendimentos contratando mão-de-obra altamente qualificada, equipando laboratórios e implantando uma infra-estrutura que lhes proporcionassem o máximo de produtividade e segurança fitossanitaria.

É fato que, para este setor mudar de patamar tecnológico, as técnicas estavam disponíveis e prontas para serem adotadas, havia maturidade dos indivíduos para absorverem o novo pacote tecnológico, a garantia de retorno econômico e a consciência de que, com uma boa articulação junto ao poder público, o novo *know-how* tecnológico seria implantado.

Não foi harmonioso e muito menos consensual a implantação dos viveiros telados. Além do alto custo para ser instalado, dúvidas sobre qualidade da muda, sua adaptação no pomar, sua produtividade e sua longevidade foram questionadas e discutidas por associações e viveiristas que tinham como prática a

forma anterior de produção. Em contraposição, os indivíduos que detinham o conhecimento do novo pacote tecnológico e capital organizaram-se e utilizaram todos os recursos para conquistar a opinião pública.

No decorrer de 2001 a 2003 muitos viveiros a céu aberto foram erradicados por meio da ação legal da ADAESP/SAA ou por interesse do próprio viveirista. Parcela destes viveiristas deixaram de exercer a atividade no Estado de São Paulo e deslocaram-se para o Estado de Minas Gerais onde não havia, ainda, impedimento legal à prática rudimentar de produção de mudas. Outra parcela, mais capitalizada, integrou-se ao novo sistema de produção, como também, surgiram novos interessados que vislumbraram, na atividade, bom potencial de investimento.

No Estado de Minas Gerais, em dezembro de 2003, havia produtores de mudas cítricas em 35 municípios num total de 287 viveiros, sendo 273 a céu aberto que produziram 9 milhões de mudas e 14 viveiros telados que produziram pouco mais de 2 milhões de mudas. São Gonçalo do Sapucaí destacava-se na produção de mudas a céu aberto e Frutal em mudas protegidas. No Estado de São Paulo estavam em funcionamento 496 viveiros telados distribuídos em 116 municípios que produziram 13 milhões de mudas, mas com capacidade produtiva de 25 milhões de mudas. Todo este potencial produtivo ocupou uma área de 850 mil m^2 (VIVECITRUS, 2003b).

Nos informes do FUNDECITRUS, para o Estado de São Paulo em 2003, registrava-se a existência de 524 viveiros telados, sendo que 29 unidades sem produção e a existência de 10 viveiros a céu aberto. Estes dez viveiros nada mais eram que remanescentes de um processo, pois as plantas não poderiam ser comercializadas. Na época do levantamento de campo a principal região produtora de mudas era a SSP-SSO, os municípios ao redor de Limeira eram os grandes produtores. Em 2003 a região SP-NNO passou a ser a principal produtora de mudas em ambiente protegido, sendo os municípios de Bebedouro e de Monte Azul Paulista responsáveis por 50% da produção do Estado (VIVECITRUS, 2003b).

Geograficamente a distribuição dos viveiros telados nas regiões do Estado estava equilibrado: 51% na SP-NNO e 49% na SP-SSO (FUNDECITRUS, 2004).

Com base nos dados do FUNDECITRUS, do total de viveiros telados 66 unidades produziram, em 2003, cerca de 60%, enquanto que 224 unidades produziram ao redor de 90% de mudas e porta-enxertos necessários para abastecer o setor citrícola. Tais resultados sugerem que: a capacidade produtiva do setor viveirista é muito grande; que certamente haverá concorrência entre os viveiros; que o preço da muda poderá cair em relação aqueles praticados em anos anteriores; que não haverá mais espaço para o "fazedor de muda" e sim para os viveiristas altamente tecnificados, informatizados e com ampla capacidade de adaptação ao novo modelo. O momento é de investir em qualidade, não em quantidade.

Os viveiros telados que tinham como padrão produzir mudas **fiscalizadas**, terão de se adequar as normas que foram publicadas em fevereiro de 2003 pela ADAESP/SAA do Estado de São Paulo "RESOLUÇÃO ADAESP 2"[41] a qual atualiza e completa a versão de 1998. Esta Resolução regulamenta a produção, comercialização e transporte de mudas cítricas **certificadas**, ou seja, uma obrigatoriedade que levará a uma outra seleção dos viveiristas que, para se manter no setor, terão novamente de se adequar.

Os procedimentos para se obter a certificação de mudas é moroso, pois várias etapas devem ser cumpridas. No entanto, o principal gargalo dos que pleiteavam a certificação, em 2003, encontrava-se na burocracia da ADAESP/SAA, surpreendida pelo aumento da demanda de certificações.

O setor viveirista passou a se beneficiar dos progressos científicos e tecnológicos, que propiciaram uma produção maior de mudas sobre menores porções de terras. O viveiro vai se tornando um espaço cada vez mais instrumentalizado, culturizado, tecnificado e cada vez trabalhado segundo os ditames da ciência. A antecedência do trabalho intelectual à produção material também tem provocado novos planejamentos empresariais que introduzem os imperativos de qualidade, sanidade, informação, intercâmbio, publicidade. Enquanto insumos como fertilizantes, inseticidas e implementos chegam aos viveiros de toda parte por meio de boa malha viária, as instalações do viveiro

[41] Esta resolução encontra-se completa em: http://www.cda.sp.gov.br/legislacao/index.

telado passam a se caracterizar como um ativo específico, cujo investimento deve ser depreciado ao longo do tempo (cêrca de 10 anos).

Se no passado pesquisadores e viveiristas buscavam no exterior conhecimento e tecnologia, hoje o Brasil está exportando conhecimento e tecnologia, embora não tenha sido o primeiro a produzir mudas em ambiente protegido mas passou a ser referência para outros países produtores de citros.

Progressivamente o setor viveirista está mais apto para acolher inovações e capitais o que tem criado um novo dinamismo no setor citrícola com produção especializada e de alto rendimento.

O processo de modernização nos viveiros significou, por um lado, novo ritmo no mercado de trabalho, ou seja, o emprego de pessoas versáteis para cumprir diferentes tarefas no interior do viveiro, a contratação de indivíduos com maior qualificação (engenheiros agrônomos, técnicos agrícolas, administrativos com conhecimento de informática, etc.) e uma maior estabilidade no trabalho. Por outro lado, os empreendimentos viveiristas que não acompanharam a modernização foram, no Estado de São Paulo, eliminados o que resultou no fechamento de muitos postos de trabalho.

O viveiro telado, por ser uma estrutura fixa, propicia a ADAESP/SAA e ao FUNDECITRUS um melhor trabalho de inspeção, acompanhamento e suporte técnico quanto aos porta-enxertos e copas das mudas a serem produzidas, bem como maior fiscalização do tipo de mão-de-obra ocupada e forma de contratação de recursos humanos.

Os indivíduos que fazem parte deste elo da cadeia produtiva não podem esquecer que muitas ações e investimentos foram feitos, na segunda metade da década de noventa, pela ABECITRUS e pelo FUNDECITRUS (Pacto de Araraquara, Carta Compromisso de Bebedouro, a construção e manutenção de unidades educacionais em municípios paulistas destinado a crianças e adolescentes filhos de trabalhadores rurais) para que fosse erradicado o trabalho infanto-juvenil no setor citrícola. Há de se ter clareza e responsabilidade por parte de cada viveirista em manter este elo livre deste tipo de mão-de-obra.

Finalmente, com o agravamento da Morte Súbita dos Citros (MSC) no Triângulo Mineiro e norte do Estado de São Paulo a citricultura paulista intensifica seu deslocamento em direção à região sul/sudoeste do Estado, o que exigirá um ajuste na escolha de porta-enxertos, seja para se adequarem melhor ao clima da região, seja pela necessidade de irrigação na implantação de novos pomares no Estado. A própria logística de produção de mudas deverá ter um novo enfoque o que leva a ilação que os viveiros poderão acompanhar o deslocamento dos pomares.